

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Exp

Data: 10.02.81

Pg.: _____

Após 10 anos, os índios arara procuram contato

Ódio e conflito seguem a tribo

Da sucursal de BRASÍLIA

O contato da frente de atração da Funai com os índios arara veio desmentir os boatos que grandes fazendeiros e colonizadores espalhavam na região: diziam que os arara não existiam e que as mortes e flechadas a eles atribuídas eram de autoria de grupos de garimpeiros, caçadores e seringueiros que atuam na área e não querem ver, as terras em que estão, ocupadas pela União.

A primeira notícia que se teve da existência dos arara — pertencentes a um tronco lingüístico desconhecido — foi por volta de 1880, segundo o professor Ubirajara Marques Umbuzeteiro. Ele conta que nesta época chegou ao Xingu o cearense Raimundo de Paula Marques, um homem branco de olhos muito claros, que foi aprisionado pelos arara. Acabou tornando-se o taxaua da tribo e procurou inutilmente conduzi-la para a civilização. Depois disso, somente em 1933 se voltou a falar nestes índios, quando visitaram a fazenda de Manoel Cavalcante Umbuzeteiro, parente do professor Ubirajara. Em 1942 eles mantiveram contatos esporádicos com os civilizados no rio Pentecaua e, em 1943, foram atacados por extratores de copaíba, resultando na morte de dois índios. Reapareceram em 1968, atacando os trabalhadores que abriam uma estrada, matando um deles e flechando outro, Francisco das Chagas Pimentel. Três anos depois, a Funai tentou um contato com a tribo, mas levando Pimentel como guia: os índios reconheceram-no como inimigo e não aceitaram o diálogo. Em 1969 haviam sofrido outro ataque de extratores de copaíba, que causou a morte de 12 índios.

Depois de tantos ataques era de se esperar que os arara fugissem da civilização. Chegou a ficar famosa a campanha que contra eles desenvolveu o seringueiro Inácio da Silva, conhecido como "Carrasco do Rio Pardo", atribuindo aos índios o massacre a um casal por ele mesmo cometido. Os habitantes de Altamira temem e odeiam os arara, considerando-os "animais bárbaros", mas poucas foram as as pessoas que os viram frente a frente.

Do correspondente em BELÉM

Mais de 10 anos depois de expulsos da aldeia onde viviam, pela frente de construção da rodovia Transamazônica, no Pará, os índios arara tomaram a iniciativa de se aproximar do homem branco. O contato ocorreu no dia 2: um grupo de seis índios apareceu no posto de vigilância número um da Funai, localizado no km 120 da Transamazônica, sentido de Altamira a Itaituba, a 18 quilômetros da margem da estrada. Os 12 membros da frente de atração constituída pela Funai ficaram surpresos, mas a aproximação foi tranqüila e rápida. Os índios almoçaram com os brancos e depois se retiraram. Nesse dia, mais dois grupos, num total de 15 índios, visitaram o acampamento, levando mulheres e crianças, numa clara demonstração de seus propósitos de paz.

O sertanista Sidney Possuelo, assessor da presidência da Funai, considera esse o segundo grande resultado do trabalho de atração que iniciou no final de 1979. No começo do ano passado, ao sobrevoar a área dos índios, Possuelo percebeu, com satisfação, que os arara tinham voltado a constituir aldeia regular, haviam reaberto os roçados e pareciam dispostos a estabelecer-se num local. Essa era uma demonstração de confiança na frente de atração, o que vinha faltando até então nas relações entre os dois grupos.

Até Possuelo assumir o controle dessa frente, a maior já organizada pela Funai, os sertanistas entravam na floresta para forçar um contato com os índios. Assustados, a princípio eles simplesmente fugiam, abandonando a aldeia e roças. Depois, irritados, passaram a atacar os sertanistas (feriram cinco deles) e todos os invasores de sua área, que abrange 260 mil hectares de terras férteis a 100 quilômetros de Altamira. Possuelo mudou a tática: em vez de sair atrás dos índios os sertanistas ficaram esperando os arara tomarem a iniciativa de procurá-los, espalhando presentes pela mata como demonstração de amizade.

Quatro pontos de vigilância foram montados na área de circulação dos 100 índios, que se distribuem em três grupos a partir do Rio Iriri, ao Sul da Transamazônica. O contato estabelecido no dia 2 foi recebido com enorme alegria pelos sertanistas. Pintados, mas sem armas, os índios chegaram lentamente, ficaram observando e depois tentaram o contato. Apesar da presença de dois índios no meio dos sertanistas, um dos quais um arara destribalizado há muito tempo, ninguém compreendeu o que os seis índios falavam. Entenderam-se, então, pela mímica. Convidados pelos brancos, os índios aceitaram almoçar e depois desapareceram. Pouco depois, sucessivamente, outros dois grupos chegaram ao acam-

pamento, já com uma mulher e crianças.

AMPLIAÇÃO DA RESERVA

Ontem, Possuelo seguiu de Belém para Brasília, enquanto Wellington Gomes Figueiredo mantinha-se como chefe da frente. Agora, Possuelo diz que o trabalho com os Arara vai-se desenvolver em três direções. Em primeiro lugar, a Funai deverá transferir muitos medicamentos para a área, "porque logo depois sempre há a possibilidade do surgimento de epidemias e precisamos estar em condições de debelá-las imediatamente", explica Possuelo.

O momento seguinte ao do contato — disse o sertanista — também é muito delicado: "Não vamos forçar a ida do nosso pessoal às aldeias. Vamos deixar que os índios continuem-nos procurando e assim poderemos observá-los melhor. Além do mais, não sabemos qual dos três grupos fez o contato. Temos quase certeza de que um desses grupos é refratário à aproximação".

O sertanista vai reivindicar a ampliação da reserva dos Arara, que atualmente abrange 260 mil hectares. A Eletronorte já realizou os levantamentos preliminares visando à construção de uma hidrelétrica na Grande Volta do Xingu e, com o barramento do Rio, parte das terras dos Arara será inundada, ao Sul. "Por isso, eles terão que receber uma compensação. Vamos tratar disso enquanto há tempo."

O solo fértil da reserva arara tem sido a causa de boa parte dos problemas enfrentados pela comunidade desde que, em 1970, a Transamazônica passou sobre a aldeia dela, obrigando-a a se deslocar em duas direções. Ao Norte da estrada vive um pequeno grupo, de não mais do que 15 indivíduos, cada vez mais cercados por colonos instalados pelo Incra. Ao Sul, instalaram-se aproximadamente 100 índios, dispersos pela floresta. Em 1974, porém, o Incra vendeu a Cotrijuí — Cooperativa Triticola de Ijuí —, do Rio Grande do Sul, 400 mil hectares, dois terços dos quais ocupados pelos índios, para um programa de colonização.

A própria Funai enviou sertanistas para ajudar na demarcação dos lotes, no interior do território indígena. Dois anos depois, os arara começaram a reagir: mataram três funcionários da CPRM e um colono. E, identificando os sertanistas da Funai com os invasores, também os atacaram e os feriram. Em 1978 a Funai interditiou a área e a Cotrijuí acabou desistindo de desenvolver o projeto, que previa o assentamento de duas mil famílias de colonos. Agora, os quatro postos de vigilância da Funai, com o auxílio do 51º Batalhão de Infantaria da Selva, sediado em Altamira, impedem novas invasões e protegem a área, à espera de uma aproximação definitiva.